

"TAL COMO A SEMANA TEM O SEU INÍCIO E O SEU PONTO CULMINANTE na celebração do Domingo, sempre caracterizado pela sua índole pascal, assim também **o centro culminante de todo o ano litúrgico refulge na celebração do sagrado Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor, preparada pela QUARESMA e prolongada na alegria dos cinquenta dias seguintes**". (*Carta circular, Preparação e celebração das Festas pascais [PCFP], nº 2*). Toda a pastoral e, assim, a pastoral litúrgica, devem brotar da e convergir para a celebração anual da Páscoa.



# quaresma

## Viver a Quaresma

**Quaresma.** Ouvir Deus dizer: "Estou à porta e bato". **Quaresma.** Inaugurar caminhos no conhecido e no comum. **Escutar o Reino a crescer.** Dividir a vida, porque só assim ela se multiplica. **Quaresma.** CONFIAR. Retomar. Unir. **70x7.** Aceitar. Cruz e Ressurreição. **Olhar para longe.** IR AO ENCONTRO DOS ÚLTIMOS. Escrever: "nenhum coração é uma ilha". **Quaresma.** **Escutar** mais uma vez. **Ter tempo para o outro.** APAGAR SOLIDÕES E MEDOS. Fixar-se no extraordinário convite para partilhar o Pão e o Vinho. Começar a conversa difícil com um sorriso. **Quaresma.** Perdoar. Repartir. Respeitar o ponto de vista do outro. Contar uma história. Enxugar uma lágrima. ENCORAJAR. **Quaresma.** **Celebrar tudo num gesto.** Descobrir: a Páscoa é também um modo de ser. De viver. **Recordar.** Esquecer. **Construir.** Viver cada dia, este dia como se a vida inteira o tivéssemos esperado. **Quaresma.** *E a Páscoa tão perto.*

Vem do latim, *quadragésima dies* (o dia quadragésimo, antes da Páscoa). É o tempo de preparação «pelo qual se sobe ao monte santo da Páscoa», como o descreve o Cerimonial dos Bispos (CB 249). Começa em *Quarta-Feira de Cinzas* e termina pela tarde de *Quinta-Feira Santa*, antes da Missa Vespertina da *Ceia do Senhor*, com que se inaugura o *Tríduo Pascal*.

A Quaresma organizou-se a partir do século IV. A sua história anterior não é muito clara. Parece que o seu germen original foi o jejum pascal de dois dias, na Sexta e no Sábado antes do Domingo da Ressurreição, espaço que, a pouco e pouco, se alargou a uma semana, depois a três e, segundo as diversas regiões, sobretudo nas do Oriente, como o Egipto, até às seis semanas ou quarenta dias. Em Roma, a Quaresma já estava constituída, entre os anos 350 e 380.

Para dar sentido a este período, como preparação da Páscoa, teve certamente grande influência o simbolismo bíblico do número quarenta: os episódios de quarenta dias do dilúvio, antes da aliança com Noé; de Moisés e os seus

quarenta dias no monte; do Povo de Israel e os seus quarenta anos pelo deserto; de Elias caminhando quarenta dias para o monte do encontro com Deus; e, sobretudo, os quarenta dias de Jesus no deserto, antes de começar a sua missão messiânica. Estes episódios têm em comum o significado de um tempo de prova, de purificação e de preparação para um acontecimento importante e salvador. «Todos os anos, pelos quarenta dias da Grande Quaresma, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto» (CIC 540).

A Quaresma começava originariamente no Domingo. Mas, mais tarde — séculos VI-VII — acentuou-se como característica determinante o jejum, e como, aos domingos, não se jejuava, adiantou-se o seu início para a quarta-feira anterior ao primeiro domingo, a que de imediato se chamou «de Cinzas», para que a Páscoa fosse precedida de quarenta dias de jejum efetivo. E, ainda se foi antecipando mais a preparação com os Domingos da Quinquagésima, Sexagésima e Septuagésima, que, na última reforma, foram suprimidos.

Na Liturgia hispano-moçárabe, a Quaresma começa no primeiro domingo com uma festiva despedida do Aleluia. A segunda parte, que começa no terceiro domingo, recebe o nome de «*De Traditione*» (a Paixão).

Neste contexto de Quaresma, tinha lugar a última etapa do catecumenado: os que se preparavam para serem batizados, na Noite Pascal, tinham, nestas semanas anteriores, reuniões de oração, escrutínios e exorcismos. O Concílio Vaticano II determinou expressamente que se acentuasse o carácter batismal e penitencial da Quaresma, «sobretudo através da recordação ou da preparação para o Batismo e através da Penitência, dispõe os fiéis, que com mais frequência ouvem a Palavra de Deus e se entregam à oração, para a celebração do Mistério Pascal» (SC 109). Agora «a liturgia quaresmal prepara para a celebração do Mistério Pascal tanto os catecúmenos, através dos diversos graus da iniciação cristã, como os fiéis, por meio da recordação do Batismo e das práticas de penitência» (NG 27).

A nova ordenação do Calendário

(cf. NG, de 1969) preferiu não situar o início da Quaresma no primeiro domingo, que parecia o mais lógico, pelo enraizamento que, ao longo dos séculos, tomou a *Quarta-Feira de Cinzas*.

As seis semanas da Quaresma dividem-se em três etapas, marcadas pelos Evangelhos correspondentes: os dois primeiros domingos, com as tentações e a transfiguração do Senhor; os três seguintes, com as catequeses batismais da samaritana (água), do cego (luz) e Lázaro (vida), próprias do ciclo A, mas que se podem seguir cada ano, embora haja outra série de leituras para cada ciclo; e, finalmente, o domingo sexto, chamado de Ramos ou da Paixão, que inaugura a Semana Santa.

Também as primeiras leituras destes domingos têm uma organização interior que dá um sentido especial à Quaresma, sobretudo no ciclo A. São seis momentos significativos da História da Salvação: a criação do mundo, Abraão, o Êxodo e Moisés, o rei David, os profetas e o Servo de Javé. Tudo isso ajuda a entender a Quaresma como um caminho de

crescente preparação para a celebração da Páscoa.

As características ambientais e celebrativas da Quaresma, já desde há séculos, são a ausência do Aleluia nos cânticos, a austeridade na ornamentação do espaço celebrativo (sem flores nem música instrumental), a cor roxa dos paramentos do sacerdote (menos no quarto domingo, «*Lætare*», em que se pode usar a cor rosa); os escrutínios catecumenais (o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* coloca o rito de «eleição» para a última etapa catecumenal, no primeiro domingo da Quaresma e, a partir daí, várias reuniões de escrutínios); as missas estacionais, à volta do próprio bispo, originadas em Roma mas recomendadas para as outras igrejas em que pareçam convenientes; o exercício da via-sacra; a «confissão pascal», a celebração do sacramento da *Reconciliação*, como preparação imediata para a Páscoa...

Uma boa motivação e descrição da Quaresma e sua pastoral é a que nos proporciona a *Carta sobre as Festas Pascais*, do ano de 1988 (CFP 6-26: EDREL 3116-3136).

JOSÉ ALDAZÁBAL

*Dicionário elementar de liturgia.*

Na mensagem para a Quaresma de 2021 o Papa exortou  
A CUIDAR DE QUEM SOFRE DEVIDO À PANDEMIA

## um olhar de esperança em tempos de fragilidade e incerteza

«*Vamos subir a Jerusalém...*» (Mt 20, 18).

***Quaresma: tempo para renovar fé, esperança e caridade.***

*Queridos irmãos e irmãs!*

**J**ESUS, AO ANUNCIAR AOS DISCÍPULOS A SUA PAIXÃO, morte e ressurreição como cumprimento da vontade do Pai, desvenda-lhes o sentido profundo da sua missão e convida-os a associarem-se à mesma pela salvação do mundo.

Ao percorrer o caminho quaresmal que nos conduz às celebrações pascais, recordamos Aquele que «Se rebaixou a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz» (Flp 2, 8). Neste tempo de conversão, renovamos a *nossa fé*, obtemos a «*água viva*» da *esperança* e recebemos com o coração aberto o *amor de Deus* que nos transforma em irmãos e irmãs em Cristo. Na noite de Páscoa, renovaremos as promessas do nosso Batismo, para renascer como mulheres e homens novos por obra e graça do Espírito Santo. Entretanto o itinerário da Quaresma, como aliás todo o caminho cristão, já está inteiramente sob a luz da Ressurreição que anima os sentimentos, atitudes e opções de quem deseja seguir a Cristo.

*O jejum, a oração e a esmola* – tal como são apresentados por Jesus na sua pregação (cf. Mt 6, 1-18) – são as condições para a nossa conversão e sua expressão. O caminho da pobreza e da privação (*o jejum*), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (*a esmola*) e o diálogo filial com o Pai (*a oração*) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa.

**1. A fé chama-nos a acolher a Verdade e a tornar-nos suas testemunhas diante de Deus e de todos os nossos irmãos e irmãs**

Neste tempo de Quaresma, *acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo* significa, antes de mais, deixar-nos alcançar pela Palavra de Deus, que nos é transmitida de geração em geração pela Igreja. Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes seletas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus, que nos ama ainda antes de nós próprios tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho – exigente, mas aberto a todos – que conduz à plenitude da Vida.

*O jejum, vivido como experiência de privação*, leva as pessoas que o praticam com simplicidade de coração a redescobrir o dom de Deus e a compreender a nossa realidade de criaturas que,

feitas à sua imagem e semelhança, n'Ele encontram plena realização. Ao fazer experiência duma pobreza assumida, quem jejua faz-se pobre com os pobres e «acumula» a riqueza do amor recebido e partilhado. O jejum, assim entendido e praticado, ajuda a amar a Deus e ao próximo, pois, como ensina São Tomás de Aquino, o amor é um movimento que centra a minha atenção no outro, considerando-o como um só comigo mesmo [cf. Enc. *Fratelli tutti* (= FT), 93].

*A Quaresma é um tempo para acreditar*, ou seja, para receber a Deus na nossa vida permitindo-Lhe «fazer morada» em nós (cf. *Jo* 14, 23). Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que a atravanca, inclusive da saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo, a fim de abriremos as portas do nosso coração Àquele que vem a nós pobre de tudo, mas «cheio de graça e de verdade» (*Jo* 1, 14): o Filho de Deus Salvador.

## **2. A esperança como «água viva», que nos permite continuar o nosso caminho**

*A samaritana, a quem Jesus pedira de beber* junto do poço, não entende quando Ele lhe diz que poderia oferecer-lhe uma «água viva» (cf. *Jo* 4, 10-12); e, naturalmente, a primeira coisa que lhe vem ao pensamento é a água material, ao passo que Jesus pensava no Espírito Santo, que Ele dará em abundância no Mistério Pascal e que infunde em nós a esperança que não desilude. Já quando preannuncia a sua paixão e morte, Jesus abre à esperança dizendo que «ressuscitará ao terceiro dia» (*Mt* 20, 19). Jesus fala-nos do futuro aberto de par em par pela misericórdia do Pai. Esperar com Ele e graças a Ele significa acreditar que, a última palavra na história, não a têm os nossos erros, as nossas violências e injustiças, nem o pecado que crucifica o Amor; significa obter do seu Coração aberto o perdão do Pai.

*No contexto de preocupação* em que vivemos atualmente onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação. O tempo da Quaresma é feito para ter esperança, para voltar a dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus, que continua a cuidar da sua Criação, não obstante nós a maltratarmos com frequência (cf. Enc. *Laudato si'*, 32-33. 43-44). É ter esperança naquela reconciliação a que

nos exorta apaixonadamente São Paulo: «Reconciliai-vos com Deus» (*2 Cor* 5, 20). Recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão, tornamo-nos, por nossa vez, propagadores do perdão: tendo-o recebido nós próprios, podemos oferecê-lo através da capacidade de viver um diálogo solícito e adotando um comportamento que conforta quem está ferido. O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade.

Na Quaresma, estejamos mais atentos a «dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam» (*FT*, 223). Às vezes, para dar esperança, basta ser «uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença» (*FT*, 224).

*No recolhimento e oração silenciosa*, a esperança é-nos dada como inspiração e luz interior, que ilumina desafios e opções da nossa missão; por isso mesmo, é fundamental recolher-se para rezar (cf. *Mt* 6, 6) e

encontrar, no segredo, o Pai da ternura.

*Viver uma Quaresma com esperança* significa sentir que, em Jesus Cristo, somos testemunhas do tempo novo em que Deus renova todas as coisas (cf. *Ap* 21, 1-6), «sempre dispostos a dar a razão da [nossa] esperança a todo aquele que [no-la] peça» (*1 Ped* 3, 15): a razão é Cristo, que dá a sua vida na cruz e Deus ressuscita ao terceiro dia.

### **3. A caridade, vivida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança**

*A caridade alegra-se ao ver o outro crescer*; e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado... A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.

«A partir do “amor social”, é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos» (*FT*, 183).

*A caridade é dom*, que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão. O pouco, se partilhado com amor, nunca acaba, mas transforma-se em reserva de vida e felicidade. Aconteceu assim com a farinha e o azeite da viúva de Sarepta, que oferece ao profeta Elias o bocado de pão que tinha (cf. *1 Rs* 17, 7-16), e com os pães que Jesus abençoa, parte e dá aos discípulos para que os distribuam à multidão (cf. *Mc* 6, 30-44). O mesmo sucede com a nossa esmola, seja ela pequena ou grande, oferecida com alegria e simplicidade.

*Viver uma Quaresma de caridade* significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid-19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – «não temas, porque Eu te resgatei» (*Is* 43, 1) –, ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho.

«Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade» (*FT*, 187).

Queridos irmãos e irmãs, cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar e amar. Que este apelo a viver a Quaresma como percurso de conversão, oração e partilha dos nossos bens, nos ajude a repassar, na nossa memória comunitária e pessoal, a fé que vem de Cristo vivo, a esperança animada pelo sopro do Espírito e o amor cuja fonte inexaurível é o coração misericordioso do Pai.

Que Maria, Mãe do Salvador, fiel aos pés da cruz e no coração da Igreja, nos ampare com a sua solícita presença, e a bênção do Ressuscitado nos acompanhe no caminho rumo à luz pascal.

*Roma, em São João de Latrão, na Memória de São Martinho de Tours, 11 de novembro de 2020.*

**Francisco**

## memória

# 1944 – ‘Nasce’ o termo Genocídio



**N**eologismo resultante da associação da palavra grega *genos* (que significa grupo, tribo) e da expressão latina *cide* (matar), a palavra genocídio terá sido usada pela primeira vez em 1933 pelo jurista polaco e professor de Direito RAPHAEL LEMKIN, na exposição que apresentou à Conferência Internacional para a Unificação da Lei Criminal. Mas o termo, que pretendia criminalizar as destruições de grupos étnicos, religiosos ou sociais, caiu no esquecimento até que, em 1944, Raphael Lemkin publicou *Axis Rule in Occupied Europe*, obra sobre as práticas e as filosofias de extermínio. No seu trabalho, Lemkin define genocídio como «um

plano coordenado, com ações de vários tipos, que visa à destruição dos alicerces fundamentais da vida de grupos nacionais com o objetivo de os aniquilar». No ano seguinte, o termo é incluído no processo instaurado contra os dirigentes nazis pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberga. Em 1948, a ONU aprova a *Convenção para a Prevenção e Punição de Crimes de Genocídio*. Este documento considera o «genocídio» um crime de carácter internacional e as nações signatárias comprometem-se a tomar medidas para o evitar e punir. 50 anos depois da sua aprovação, a 30 de Abril de 1998, Portugal decide aderir à Convenção.